

GRAÇA E SALVAÇÃO

Pedro Alberto Kunrath

Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.
Professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
E-mail: pkunrath@pucrs.br

Resumo: A graça, mais que estudá-la, deve-se vivê-la. Mas é necessário compreendê-la. A salvação, como a redenção, como dons da graça de Deus, são obras individuais de salvação enquanto designam a permanente presença de Deus junto ao homem transformado, regenerado e renovado e, por isso, devotamente dedicado a Deus pela fé. Todo esse processo salvífico de Deus para com o homem define-se, na linguagem bíblica e teológica, como Graça.

Palavras-chave: Graça. Salvação. Redenção. Linguagem Bíblica. Linguagem Teológica.

Abstract: Grace, more than studied, it must be lived. However, it is necessary to understand it. Salvation, as well as redemption, as gifts of God's grace, are individual works of salvation, since they designate the permanent presence of God next to the transformed, regenerated and renewed man and, therefore, devoutly dedicated to God by faith. This whole process of salvation of God towards man is defined, in biblical and theological language, as Grace.

Keywords: Grace. Salvation. Redemption. Biblical Language. Theological. Language

Resumen: La gracia, más que ser estudiada, debe ser vivida. Pero hay que entenderla. La salvación y la redención, como dones de la gracia de Dios, son obras individuales de salvación en las que se revela la presencia permanente de Dios junto al hombre transformado, regenerado, renovado

y, por tanto, devotamente dedicado a Dios por la fe. Todo este proceso de salvación de Dios para con el hombre en el lenguaje bíblico y teológico se denomina Gracia.

Palabras clave: Gracia. Salvación. Redención. Lenguaje Bíblico. Lenguaje Teológico.

Sommario: La grazia deve essere vissuta piuttosto che studiata; ma ciò nonostante deve essere anche capita. La salvezza e la redenzione, come doni della grazia di Dio, sono delle opere individuali di salvezza che rivelano la presenza permanente di Dio accanto all'uomo trasformato, rigenerato, rinnovato, e quindi devotamente dedicato a Dio nella fede. Tutto questo processo salvifico che Dio svolge per l'uomo nel linguaggio biblico e teologico è chiamato Grazia.

Parole chiave: Grazia. Salvezza. Redenzione. Linguaggio Biblico. Linguaggio Teologico.

Résumé: Grace, plutôt que de l'étudier, vous devez vivre. Mais vous devez comprendre. La salut et la rédemption, comme des dons de la grâce de Dieu, sont des œuvres individuelles de salut pour désigner la présence permanente de Dieu avec l'homme transformé, régénéré et renouvelé et donc dévotement dédié à Dieu par la foi. Tout ce processus salvifique de Dieu à l'homme est défini dans le langage biblique et théologique, comme une grâce.

Mots-clés: Grace. Salut. Rédemption. Langage Biblique, Langage Théologique.

Ser e viver como cristão é antes e acima de tudo saber e crer que Deus nos ama e deixar-se envolver por este amor. É saber que toda a caminhada da salvação é iniciativa do Pai, que nos ama como filhos; de Cristo, que se fez nosso irmão, morrendo e ressuscitando para nossa salvação; do Espírito Santo, que nos ilumina e nos abre o coração para entendermos e gostarmos das coisas de Deus, que nos acompanha no dia-a-dia, fortalecendo-nos, despertando em nós o espírito de comunhão e de participação para a missão, que intercede por nós com gemidos inefáveis. É saber que somos templos da Santíssima Trindade – *deíferos, cristóforos, templíferos, santíferos* - chamados, sempre de novo, a viver em nós este mistério e irradiá-lo para os outros. É saber que a graça nos é concedida pela Igreja, Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo e Templo do Espírito Santo onde cada um tem uma missão a cumprir, em frutificar a graça, em união com Cristo, fonte de toda graça e animados pelo Espírito Santo que é a alma da Igreja, em união com os outros num autêntico espírito de comunhão e de participação. Vivendo assim, a graça como dom e tarefa, se torna cada vez mais libertadora em nós e nos outros, agindo como fermento no mundo, sendo sal e luz no mundo a ser restaurado continuamente em Cristo. Assim já acontece o Reino de Deus que terá sua instância definitiva e plena no fim dos tempos, quando “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15, 28; Cl 3, 11).

A graça é o elemento (dom) essencial da salvação e a resposta às perguntas mais profundas do ser humano; é um elemento estrutural da História da salvação e da existência humana. A graça é, assim, indispensável para alcançar não só o fim sobrenatural, sem o qual o homem permanece frustrado, alienado e vazio, mas o seu próprio fim natural, isto é, o pleno desenvolvimento humano da sua existência. Esta existência, isto é, a forma de ser própria do homem, é uma tendência para a plena realização de si, entendida como um valor, um presente, um dom.

1. CONCEITO BÍBLICO-TEOLÓGICO DA GRAÇA

Existe uma diferença de acento entre o conceito bíblico e o conceito teológico da graça.

A Sagrada Escritura coloca o acento antes sobre a graça como realidade subjetiva e pessoal: é antes uma atitude pessoal de Deus para com o homem, é o favor misericordioso e a benevolência de Deus que se manifesta em uma nova economia de salvação realizada definitivamente em Cristo. A Teologia, ao invés, coloca o acento sobre a graça como realidade objetiva: essa é o dom de Deus, dom criado, interior à alma, pela qual o homem se torna justo e é transformado em uma nova criatura.

No Antigo Testamento¹ não existe uma palavra para designar a graça como uma realidade criada. Existem, ao contrário, termos diversos para designar a graça como atitude pessoal de Deus para com o homem pecador. Os principais termos na língua hebraica e traduzidos para o grego são *hen* (*cháris*) e *hesed* (*eleos*). O primeiro significa inclinação, benevolência, favor, amabilidade, proteção (da raiz *hanan*, olhar abaixando-se, abaixar o rosto (cf. *Gn* 6, 8; 18, 3; *Sl* 45, 3). O segundo indica o comportamento de Deus, derivado do pacto de fidelidade (cf. *1 Sam* 20, 3.14). Deus é aquele que observa e cumpre a aliança e mostra a sua graça àqueles que o amam e observam os seus mandamentos; fidelidade de Deus de frente à infidelidade do povo (cf. *Dt* 7, 9; *1 Rs* 8, 23; *Is* 55, 3).

No Novo Testamento o termo *cháris* não foi tomado diretamente do grego, profano ou religioso, mas da versão bíblica dos Setenta. Em Lucas o encontramos somente quatro vezes (1, 28.30; 2, 40.52) no significado dos Setenta e isto como favor de Deus que se inclina (pousa o olhar, a atenção)

¹ O Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Dives in misericordia* (30.11.1980), quando fala da misericórdia no Antigo Testamento n. 4 (cap. III), na nota n. 52, faz um amplo comentário sobre os termos usados na antiga Aliança para denotar a "psicologia de Deus: a impressionante imagem do seu amor que, em contato com o mal e, em particular, com o pecado do homem e do povo, se manifesta como misericórdia". Pode-se ver também FEINER, L.; LOEHRER, M. (org.). *Mysterium Salutis*, IV/7. *A Graça*. Vozes: Petrópolis, 1978, p. 9-35 (A Graça segundo o testemunho da Sagrada Escritura).

sobre Jesus e Maria. Em Paulo, o termo é usado um número de vezes superior a todo o resto do Novo Testamento e isto mais de cem vezes. E tem um sentido variado: fascinação, amabilidade (*Cl* 4, 6), reconhecimento (*1 Cor* 3, 10), liberalidade (*2 Cor* 8, 1), carisma (*Rm* 12, 6), apostolado (*1 Cor* 3, 10). Porém, o significado fundamental é aquele de favor gratuito do Pai e de Cristo, de amor misericordioso do Pai que no Cristo perdoa o pecador e o enche de seus bens e de seus dons. Para Paulo, não há mais que uma só graça: o amor de Deus que nos doa e nos presenteia o Cristo; não há mais que um só dom, o dom d'Ele mesmo no Cristo.

Olhando alguns versículos mais significativos, percebe-se que a graça de Deus, a sua bondade, fonte de todo bem, é o princípio do favor e do amor de Cristo, mediador de todos os homens (cf. *Rm* 5, 15). A vocação à filiação adotiva tem lugar em vista do louvor e da magnificência da graça do amor gratuito do Pai. Essa se manifesta na redenção dos pecados (cf. *Ef* 1, 5-7). *Eleos*, *ágape*, *cháris* salvadora exprimem a mesma coisa e a mesma atitude primordial de Deus em relação aos seres humanos. A nossa ressurreição e o sentar-se nos céus são a revelação dos tesouros inauditos da bondade de Deus (cf. *Ef* 2, 4-8). A redenção, a saber, o Evangelho, é a manifestação do plano misericordioso e eterno de Deus, a sua entrada na história humana (cf. *2 Tm* 1, 9-10).

O sentido, portanto, fundamental e primordial de *cháris* paulina é o favor, a benevolência, o amor de Deus que se manifesta na morte e ressurreição de Jesus. Pelo fato de Deus eternamente e gratuitamente nos doar seu Filho, *cháris* assinala e assegura a gratuidade desta atitude de Deus e deste seu dom. Porém, este conceito de graça em São Paulo não indica somente a graça incriada; tende a identificar-se também com a justiça interior do homem e assim oferece os fundamentos (as bases) para o aspecto criado da graça (cf. *Rm* 5, 1-2) e daquela graça criada sublinhada sobretudo pela teologia pós tridentina.

Junto aos Padres² encontra-se o conceito bíblico e aquele estreitamente teológico. Os Padres gregos insistem muito mais sob o aspecto incriado da graça e sobre a presença do Espírito Santo na alma do justo, a ponto de tornar-se *deífero, cristóforo, templífero e santífero*; enquanto os Padres latinos colocam o acento maior sob o aspecto criado da graça e a força que o cristão tira para a sua vida, portanto, como *adiutorium Dei*.

Na linguagem escolástica³ o termo graça não significa mais, em modo habitual, a benevolência de Deus e Deus mesmo que se doa ao homem em Cristo, isto é a graça incriada; mas significa, antes de tudo, a graça criada, o conjunto dos dons sobrenaturais, exteriores e interiores, que Deus oferece ao homem em ordem ao fim sobrenatural da vida eterna. Fala-se, assim, de graça externa ou interna, de graça atual ou habitual, sanante e elevante, excitante e auxiliante, suficiente e eficaz⁴, *gratum faciens e gratis data*.

Os Manuais de Teologia definem a graça em modo genérico: dom criado, intrinsecamente e absolutamente sobrenatural, dado gratuitamente por Deus à criatura racional, que se insere intrinsecamente na alma e lhe dá o ser e o agir em ordem à vida eterna. Hoje, na teologia é reavaliado o conceito bíblico da graça como desígnio salvífico de Deus realizado em Cristo e como autocomunicação de Deus ao homem. É necessário, por isso, expor também este conceito da graça.

2. BINÔMIO GRAÇA-SALVAÇÃO

A graça possui uma estreita relação com a História da salvação, isto é, com o mistério da salvação realizado progressivamente por Deus através de uma série de intervenções divinas no tempo e no espaço. A História da salvação não é outra coisa que a história da *cháris* divina, que deseja salvar os homens chamando-os para uma vida de comunhão com Deus em Cristo, em um modo em que podemos dizer que a graça é o objeto central da História da salvação; o desígnio de salvação

² FEINER, L.; LOEHRER, M. (org.). *Mysterium Salutis*, IV/7. A Graça. p. 38ss.

³ Ibidem, p. 63ss.

⁴ Pode-se ver a Graça e seus conceitos em BOFF, L. *A Graça libertadora no mundo*. Vozes: Petrópolis, 1976, p. 166-169.

é um desígnio de (da) graça. Antes, a graça é o elemento específico da salvação cristã, pela qual esta difere de outra qualquer salvação, por exemplo, daquela proclamada pelas religiões não cristãs. De fato, a salvação que Deus deseja levar aos homens transcende toda ordem natural. É um desígnio sobrenatural que Deus deseja comunicar ao homem não somente pela possibilidade de conseguir uma felicidade humana, mas de comunicar a sua própria vida (cf. *Ef* 1, 3-14; *Cl* 1, 12-13; *Lumen Gentium* - LG 2; *Dei Verbum* - DV 1-2; *Ad Gentes* - AG 2-3).

A salvação, portanto, é um dom gratuito de Deus que o homem não pode alcançar com as suas próprias forças, mas somente aceitá-lo como tal, isto é, como dom e presente de Deus. O homem, porém, resiste a ser salvo por alguém. Aceitar, de fato, a salvação de um outro é reconhecer-se indigente e incapaz de salvar a si mesmo. Deus, por isso, escolhe um povo determinado na história para educá-lo e habituá-lo à intervenção divina na sua vida e ser salvo por Ele. A pedagogia divina se serve da fraqueza e da falência das forças do homem. Quando Israel pretende salvar-se por si só, Deus deixa-o às suas próprias forças, e o povo chega a convencer-se que é melhor colocar-se nas mãos de Deus, “em quem há salvação” (*Jr* 3, 23). Desse modo, para o final dos séculos, o homem é preparado para aceitar que Deus o salve através da fraqueza e falência mais escandalosa, a cruz de Cristo (cf. *Gl* 5, 11): “Quanto a mim, que eu me glorie somente da cruz de nosso Senhor, Jesus Cristo” (*Gl* 6, 14). Isso explica por que a salvação não se realiza desde o início, mas dentro de uma história. As etapas desta história são, todavia, as etapas da revelação da graça. Fundamentalmente são três: de Adão a Moisés ou disposição primitiva ou lei natural (cf. *S. Th.*, I-II, q. 94); de Moisés a Jesus ou disposição provisória ou lei escrita antiga (cf. *S. Th.*, I-II, qq. 98-105); de Jesus à consumação definitiva ou lei nova ou lei da graça (cf. *S. Th.*, I-II, qq. 106-108).

3. GRAÇA E ALIANÇA

A nova lei ou a lei da graça foi providencialmente preparada por Deus no Antigo Testamento com várias alianças ou pactos entre Deus e o homem.

A graça não é só do Novo Testamento com a definitiva Aliança. O Antigo Testamento se configura como uma preparação histórica da economia cristã. A aliança é a realidade mais central da história da salvação e o tema ao qual vem essencialmente ligada a revelação da graça. A aliança diretamente significa a relação sobrenatural e pessoal que Deus desejou estabelecer entre si e a humanidade: “Eu serei vosso Deus e vós sereis o meu povo” é o *leitmotiv* de toda a história da salvação.

As principais etapas dessa aliança são: a) a aliança de Deus com Abraão (cf. *Gn* 15, 1-18; 17, 1-22); b) a aliança do Sinai (cf. *Ex* 19-24; 32-34); c) a nova aliança predita pelos profetas (cf. *Jr* 31, 31-34; *Ez* 36, 25-28); d) a nova aliança instituída por Cristo (cf. *1 Cor* 11, 23-26; *Mt* 26, 26-29; *Mc* 14, 22-25; *Lc* 22, 14-20)⁵.

a) *A Aliança de Deus com Abraão*: regime de promessa, ressalta a absoluta gratuidade de Deus. A salvação é uma graça, um dom absolutamente gratuito que o homem pode efetivamente conseguir somente se acolhe o dom como tal, abandonando-se, mediante a fé, à misericórdia de Deus salvador. Esta é uma das características da graça que será desenvolvida longamente por Paulo.

b) *A Aliança do Sinai*: regime da lei possui uma finalidade providencial na economia da graça, a de conduzir os homens, qual pedagogo, através da amarga experiência, da parte de Israel, da sua incapacidade para ser fiel à observância da lei da aliança, a abrir-se à graça de Cristo e a esperar d’Ele a própria salvação. Este aspecto está bem presente e colocado em destaque por Paulo na Carta aos Romanos, especialmente no capítulo sete.

c) *A nova Aliança*: é o princípio de uma transformação espiritual dos homens, de uma renovação profunda do coração, que é purificado do pecado e feito capaz de cumprir a lei de Deus. Esta renovação é predita pelos profetas que anunciam a nova aliança, diferente e superior àquela do Sinai, fundada sobre a doação da parte de Deus de uma graça interior, renovadora, purificadora, transformadora, que garante a fidelidade do povo à aliança.

⁵ Sobre a nova e eterna Aliança, instituída na última ceia, cf. KUNRATH, P. A. Aliança e Eucaristia. In: *Teocomunicação*, v. 25, n. 109, set. 1995, p. 419-430.

Jeremias (31, 31-34) fala da inserção da lei no íntimo do homem e da sua incisão no coração; assim como de uma purificação interior, de uma libertação da escravidão do pecado e de uma conversão efetiva do coração. *Ezequiel* (36, 25-28) também fala da inserção no coração do homem de um novo princípio vital de origem divina, mediante o qual Israel será inteiramente renovado e transformado segundo Deus. Este novo princípio é “o espírito de Javé”.

Esta novidade interior, renovadora e transformadora, significa a instauração de um “novo homem” na história, de uma “nova criatura”, de uma “nova humanidade” que será o “novo Israel” e um “povo novo”, composto de todos os filhos de Deus (cf. *Gl* 3, 26-29), regenerados em Cristo não de semente corruptível, mas de uma incorruptível (cf. *1 Pe* 1, 23), não da carne, mas da água e do espírito (cf. *Jo*, 3, 5-6). O Espírito Santo é a semente incorruptível do novo nascimento, o princípio divino que constitui o novo povo de Deus (cf. *Lumen Gentium* - *LG*, cap. 2).

Esta doutrina, segundo a qual a nova aliança repousa essencialmente no dom interior e regenerante do Espírito, é desenvolvida por Paulo em *2 Cor* 3, 1-11, onde o apóstolo estabelece uma relação direta entre o regime sinaítico e o regime cristão. Paulo define o primeiro como regime da lei e da letra, de morte e de condenação; o segundo, como regime da graça e do espírito, da vida e da justiça. Do regime da lei àquele da graça, do regime da letra àquele do espírito: assim Paulo define o progresso da história da salvação, em um modo que não estamos mais “sob a lei, mas sob a graça”. Aqui temos uma síntese da teologia paulina da graça em chave de aliança: o Espírito Santo, a vida nova, a justificação, são três aspectos essenciais da teologia da graça e do mistério salvífico de Cristo⁶.

⁶ Mais vezes as preces eucarísticas invocam o plano de Deus na história da salvação. Na prece eucarística IV se reza: “... E quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar (...) oferecestes muitas vezes aliança aos homens e às mulheres e os instruístes pelos profetas na esperança da salvação”. Também na prece eucarística I sobre a Reconciliação se reza: “Jamais nos rejeitastes quando quebramos a aliança, mas, por Jesus, vosso Filho e nosso irmão, criastes com a família humana, novo laço de amizade, tão estreito e forte, que nada poderá romper”, cf. *Missal Romano*.

4. GRAÇA E ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

O Reino (reinado) de Deus⁷ é o anúncio central da pregação de Jesus e a ele está estreitamente vinculada a revelação da graça nos evangelhos sinóticos, cuja mensagem é precisamente o anúncio da boa notícia do perdão, da abolição do pecado e com ele da morte, da amizade divina recuperada, da filiação divina. Mas a realidade fundamental do reino é a intervenção pessoal de Deus na história por meio do Filho de Deus. É a suprema manifestação da benevolência e do amor de Deus (cf. *Jo* 3, 16). Jesus Cristo é a benevolência personificada do Pai dos céus para com os homens, é a graça de Deus: “Pois a graça salvadora de Deus manifestou-se a toda a humanidade” (*Tt* 2, 11). Em Cristo o Pai não somente nos mostra o seu amor, mas nos dá a possibilidade de corresponder ao seu amor. Em Cristo e por Cristo participamos da vida de Deus e tomamos parte no diálogo de amor que Deus iniciou com a humanidade. Nele se inaugurou a nova etapa de salvação.

O Reino (reinado) de Deus é o evento/acontecimento decisivo e definitivo de salvação (cf. *Mc* 1, 15). Mas, ao mesmo tempo, é a realidade presente e escatológica, interior e exterior. O aspecto interior do Reino corresponde nos Sinóticos àquela realidade que chamamos “graça” (cf. *Mt* 13, 3-9; 18-23.33; *Mc* 4, 26-29). A liturgia chama o Reino de Deus “reino eterno e universal: reino da verdade e da vida, reino da santidade e da graça, reino da justiça, do amor e da paz” (cf. *Prefácio da solenidade de Cristo Rei*).

Os bens específicos do Reino são: o perdão dos pecados, a misericórdia, a justiça, a renovação, a salvação, a redenção, a aceitação de Deus, a vida eterna e a visão de Deus. E aquilo que é mais específico é a filiação divina. O anúncio do Reino é o chamado de todos os homens à filiação divina: Deus é Pai de todos os homens e cada homem é filho (adotivo) de Deus. É a grande novidade da mensagem de Cristo (cf. *Mt* 5, 16.45-46; 6, 7ss; 10, 29; *Lc* 15, 32).

⁷ Cf. MIRANDA, M. de F. A salvação de Jesus Cristo. *A doutrina da Graça*. Edições Loyola: São Paulo, 2004, p. 31ss, cf. *LG* 5.

A filiação divina implica o perdão dos pecados (cf. *Mt 6, 14; Mc 11, 25; Lc 15*) e a doação de uma vida nova, a vida dos filhos de Deus. Também se Deus é pai de todos os homens, o é em um modo especial para os filhos do reino (cf. *Mt 23, 9; Mc 11, 25*), daqueles que, segundo Paulo, receberam a adoção de filhos (cf. *Gl 4, 5*), aos quais, segundo João, o Verbo deu “o poder de tornarem-se filhos de Deus” (*Jo 1, 12*). É o aspecto positivo do perdão dos pecados e compreende uma transformação moral e uma vida nova: é o coração novo e o espírito novo predito pelos profetas.

A graça aparece na mensagem do Reino como uma realidade pessoal (a paternidade divina) e como uma realidade interior que transforma o homem, com o perdão dos pecados e o dom de uma vida nova: a filiação divina (cf. *Dei Verbum - DV 5*).

5. A RESSURREIÇÃO DE JESUS, MISTÉRIO DE SALVAÇÃO E FONTE DA GRAÇA

A Ressurreição de Jesus marca o início de uma nova etapa na História da salvação e na economia da graça. Por isso, na pregação da Igreja primitiva, a ideia do Reino passa para um segundo plano para deixar o primeiro lugar ao mistério da Ressurreição⁸. No quadro do mistério salvífico de Cristo, junto com aquele de sua morte, realizou-se a salvação cristã e se instaurou efetivamente na história a nova Aliança predita pelos profetas. Com a sua morte Cristo arrancou a humanidade da escravidão do pecado; com a sua ressurreição Ele torna-se para o homem fonte do espírito, dom divino vivificante e transformante.

É de se notar como nos Sinóticos, também se o tema central é o anúncio do Reino de Deus, a instauração efetiva deste reino é subordinada à morte e ressurreição do Senhor (cf. *Lc 24, 44-47*). No evangelho segundo João, também se o Verbo salvou os homens mediante a sua humanidade (o mistério da encarnação está no centro do Evangelho joanino), esta humanidade não se torna instrumento de salvação divina senão depois e mediante a

⁸ Cf. *Dives in misericordia*. V.7-9.

ressurreição de Cristo. Em outras palavras, o mistério pascal é aquele que confere ao mistério da encarnação a sua eficácia salvífica (cf. *Jo* 3, 13-15). Mas é, sobretudo, Paulo que sublinha o aspecto salvífico da ressurreição e o valor decisivo deste aspecto na economia da graça. A doutrina de Paulo possui neste campo uma notável importância. Eis a síntese:

A) A PÁSCOA DE CRISTO COMO ACONTECIMENTO SALVÍFICO

Paulo enquadra a Páscoa na escatologia apocalíptica do judaísmo. Cristo ressuscitado é primícia da ressurreição final. Salvar-se é inserir-se neste clima de espera vigilante de Cristo que virá e assim estaremos sempre com o Senhor (cf. *1 Cor* 15, 12-25; *1 Ts* 4, 13-17; *5*, 1-10; *2 Ts* 1, 1-12). Na espera do *eschaton* o homem vive sob o influxo espiritual do Cristo ressuscitado. Cristo tornou-se o ser espiritual e o princípio de santificação e de comunhão com Deus. Salvar-se é abrir-se ao Ressuscitado para viver em comunhão com Deus (cf. *Rm* 6, 4-11; *7*, 4-6). A salvação pascal passa do individual ao cosmos inteiro: o mundo material que sofre as dores de parto espera a ressurreição; o mundo material inimigo de Jesus será derrubado e destruído; toda a história do homem adquire uma nova dimensão, aparecerá o homem novo, o homem da graça (cf. *Rm* 8, 19-22; *Cl* 1, 10-14; *2*, 12-24; *3*, 5-17; *Ef* 1, 3-14).

B) A PÁSCOA DE CRISTO COMO GESTO DE RECONCILIAÇÃO DE DEUS

Com a Páscoa, Deus manifestou uma economia de amor pela qual nos chamou à salvação, isto é, à comunhão com Ele (cf. *Rm* 8, 28-30): Deus nos conhece primeiro ou nos pré-conhece, nos chama, nos justifica e nos glorifica. "Vivo na fé do Filho de Deus que me amou e se entregou por mim" (*Gl* 2, 20); "Deus não poupou o próprio Filho, porém o entregou por todos nós" (*Rm* 8, 32). Tudo isso acontece no *mysterium*, isto é, no desígnio salvífico de Deus, manifestado na História da salvação. Tudo deverá ser recapitulado em Cristo (cf. *Ef* 1, 10). O mundo de ódio, de violência e de opressão será redimido e reconciliado no plano de Deus salvador.

C) A PÁSCOA COMO SALVAÇÃO DO HOMEM

Cristo ressuscitado chama novamente ao projeto divino o homem que se salva somente se inserido nele e em comunhão com Ele (cf. *Jo* 15, 4-7). O homem torna-se uma nova criatura pelo Espírito Santo que o vivifica com o Espírito, isto é, como princípio de um conhecimento novo que receberá graças a Ele: "Se alguém está em Cristo é nova criatura" (2 *Cor* 5, 17); "aquilo que conta não é a circuncisão, mas a nova criatura" (*Gl* 5, 8). A vida nova do homem é a vida do Cristo doada ao cristão: "Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim" (*Gl* 2, 27). Entre Cristo e o cristão se estabelece uma relação/comunhão que o cristão deve conservar se deseja viver: união mística, ontológica, espiritual com Cristo que tem a sua raiz no batismo: "batizados em Cristo, vos revestistes do Cristo" (*Gl* 3, 26).

D) DINAMISMO ANTROPOLÓGICO DA SALVAÇÃO

O ponto de partida é a radical pecaminosidade do homem; é uma situação dramática que Paulo conhece e descreve quando fala do pecado (cf. *Rm* 3, 9.23; 7, 7-8.14-21); e quando fala da morte como sua consequência (cf. *Rm* 5, 14; 6, 21). O homem pecador não tem nenhuma possibilidade de auto-justiça: somente a confiança em Deus e no seu desígnio eterno permite cultivar qualquer esperança de salvação. Deus justifica o homem comunicando-se e doando-se a Ele. O homem deve reconhecer que a justiça de Deus é a nossa salvação e a fé é a atitude de quem confia no recebimento da salvação por Cristo e não pelas obras (cf. *Rm* 4, 13-18; 10, 9-10). A situação nova do crente/fiel é uma vida em Cristo, um ser n'Ele, um possuir o seu Espírito. Por isso a Eucaristia realiza uma presença carregada de graça em nós e a nossa inserção em Cristo e nos seus gestos salvíficos (cf. 1 *Cor* 10, 16-22; 11, 23-27). Efeito da vida nova é a suprema liberdade do cristão, capacidade de viver para Deus e de seguir a própria consciência, retirado da escravidão do pecado, da carne e da lei. A liberdade não é viver ou ser sem lei, mas o possuir a lei do Espírito (cf. *Rm* 8, 2; *Gl* 5, 13-25). O crente/fiel é constituído em uma condição nova: Cristo se enraíza progressivamente no crente. O cristão torna-se tal, isto é "cristão", no Cristo ressuscitado e mediante o Espírito Santo.

6. A GRAÇA NA COMUNIDADE ECLESIAL

Após a ressurreição e a glorificação de Jesus, entre a ascensão e a parusia, a graça de Cristo chega aos homens na Igreja e por meio da Igreja⁹. Cristo continua a sua obra de salvação na Igreja não só enquanto enviou a Igreja a difundir a salvação por Ele operada, mas enquanto Ele está presente na Igreja peregrina e a torna participante do seu Espírito. Esta presença de Cristo na Igreja é marcada por Paulo quando fala da Igreja como Corpo místico de Cristo: a Igreja é a nova humanidade da qual Cristo é a cabeça (cf. *Ef* 1, 22-23), a primícia (cf. *1 Cor* 15, 23), o primogênito (cf. *Rm* 8, 29), o novo Adão (cf. *1 Cor* 15, 45); (cf. *Lumen Gentium* - LG 4). A Igreja não é só uma instituição de salvação, mas é o prolongamento, a presença permanente de Cristo e do seu Espírito em meio aos homens (cf. *Sacrosanctum Concilium* - SC 7). É a presença oficial da graça de Jesus Cristo na história humana. A sua missão é aquela de doar Jesus Cristo e o seu Espírito aos homens e de expandir a sua graça.

A Igreja desenvolve esta missão através da Palavra, mas especialmente através dos Sacramentos. O caráter essencialmente cristológico e eclesial da graça encontra a sua expressão mais perfeita na graça sacramental¹⁰. A participação na filiação divina da parte dos homens é um acontecimento na História da salvação e acontece por meio da ação sacramental da Igreja. Deste fato deriva o caráter essencialmente comunitário e eclesial da graça que foi sublinhado fortemente pelo Concílio Vaticano II (cf. *Lumen Gentium* - LG 9). No Antigo Testamento, Deus elegeu (escolheu) o povo de Israel; no Novo Testamento formou, por meio de Jesus Cristo, um novo povo, a quem todas as gentes/povos estão ordenados.

⁹ Cf. *Dives in misericordia*. VII. 13-14.

¹⁰ Sempre é bom lembrar a definição tradicional, decorrente do Concílio de Trento e que se encontra nos Catecismos: *Sacramento é um sinal visível, da graça invisível, instituído por Jesus Cristo*. Nesse conceito, que entrou em nossos Catecismos, podemos distinguir três elementos constitutivos de um sacramento: a) um sinal visível (*signum*): exterior; b) a graça invisível (*res*): interior; c) instituição por Jesus Cristo. Portanto, sacramento é um sinal exterior, instituído por Jesus Cristo, eficaz de uma graça interior.

O Novo Testamento marca fortemente a necessidade da união dos cristãos com Cristo e com a comunidade. Segundo João, a união com Cristo é necessária à salvação: Cristo é a única porta das ovelhas (cf. *Jo* 10, 7); Ele é o caminho, a verdade e a vida (cf. *Jo* 14, 5);. A união com Cristo se realiza enquanto quem o segue torna-se seu discípulo (cf. *Jo* 12, 26). A vida que Cristo doa se obtém enquanto os discípulos permanecem em Cristo e Cristo neles: este permanecer é tão real que pode ser comparado com a presença mútua do Pai no Filho e do Filho no Pai (cf. *Jo* 17, 20-23).

Como aparece nas imagens usadas para exprimir a união salvífica com Cristo, tal união se realiza em comunidade: no rebanho (cf. *Jo* 10, 1-18; 21, 1-17), na união dos ramos com a videira (cf. *Jo* 15, 1-11). Quando Cristo se revelar na glória, a união comunitária aparecerá em todo o seu esplendor (cf. *Ap* 21, 1-4).

Paulo ainda mais explicitamente ensina que a salvação messiânica é doada no seio de uma comunidade humana unida a Cristo. Os discípulos formam um corpo, cuja cabeça é Cristo e que é vivificado pelo Espírito Santo (cf. *1 Cor* 12, 12-27; *Ef* 4, 11-30). Cristo vem ao encontro do homem nessa comunidade enquanto o amor de Cristo diretamente ou indiretamente tem por objeto a comunidade (cf. *Ef* 5, 25-27); e cada um dos justos receberá os bens messiânicos enquanto pertencem à Igreja. Quem está unido a Cristo pertence por isso mesmo ao novo povo (cf. *Gl* 3, 26-29); e é inserido no templo cuja pedra angular é Cristo (cf. *Ef* 2, 19-22).

7. GRAÇA E HISTÓRIA HUMANA

A graça de Deus não conhece barreiras. A ação do Espírito transcende os limites das estruturas da Igreja porque opera no coração de todos os homens de boa vontade (cf. *Lumen Gentium* - LG 16; *Ad Gentes* - AG 22). Também se os sacramentos são os meios ordinários pelos quais chega aos homens a salvação, seria uma ofensa a Deus pensar que estes limitam ou restringem a universalidade da salvação.

De tudo isso nasce um problema muito forte na teologia hodierna, a

saber, o problema da relação entre história humana e história da salvação. Karl Rahner propõe uma explicação sintetizada em três expressões:

- a) História da salvação não se identifica, mas atua e se atualiza na história do mundo;
- b) História da salvação, por isso, é distinta da história do mundo;
- c) História da salvação explica a história secular¹¹.

Da primeira afirmação, que interessa de maneira maior, deriva que a salvação não é só um puro e simples futuro, mas está já agora em plena atuação. A graça de Deus é dada ao homem como um dom concedido já agora, como força interiormente transformadora, mas, sobretudo, como auto comunicação de Deus ao homem que é o bem substancial da salvação.

Da estreita relação entre história humana e história da salvação segue que a graça

é comunicada em cada dimensão da existência humana, sempre no encontro com o mundo, e não somente em um determinado setor da piedade e do culto ou das religiões estreitamente entendido; mas se traduz em ato no encontro com o próximo, no cumprimento de um empenho histórico, no suportar a chamada realidade cotidiana e no desenvolvimento da sucessão de eventos históricos do indivíduo e da comunidade a qual pertence¹².

8. A DISTRIBUIÇÃO UNIVERSAL DA GRAÇA

A economia da graça, até aqui exposta, é destinada a todos os homens em virtude da vontade salvífica universal de Deus, pela qual todo adulto, também se pecador endurecido, e cada infiel recebe o chamado de Deus à salvação, isto é, a graça efetiva (e suficiente) da conversão. Sobre esta verdade com todas as suas variantes, não se chegou a uma correta decisão até o século XIX. Hoje é doutrina e patrimônio comum do ensino da Igreja.

¹¹ Cf. K. RAHNER. Storia del mondo e storia della salvezza. In: *Saggi di antropologia soprannaturale*, p. 497-532.

¹² K. RAHNER, *op. cit.*, p. 501.

A doutrina da Igreja é expressa nessa proposição: *Em virtude da sua vontade salvífica universal, Deus dá a todos os homens, incluídos os pecadores adultos, também se endurecidos (empedernidos), e aos infiéis negativos, as graças suficientes para a sua justificação; tais graças são suficientes, ao menos em modo remoto, para a salvação*. Afirma-se, portanto, que em Deus há uma vontade salvífica, sincera e ativa de salvar os homens. Tal vontade se estende a todos os homens adultos nesta vida (*in statu viae*), também se pecadores ou infiéis negativos e confere a eles efetivamente as graças suficientes para a salvação.

Todos os adultos, isto é, todos os homens que possuem o uso da razão, também se pecadores, que vivem no estado de pecado mortal, ou seja, rejeitam o chamado de Deus e se cristalizam no mal (os pecadores endurecidos), ou os infiéis negativos, que sem uma própria culpa não receberam o anúncio da fé cristã, recebem de Deus efetivamente a graça da salvação. Nenhum homem, portanto, é positivamente excluído por Deus de seu plano de salvação realizado em Cristo (cf. *Gaudium et Spes* - GS 22).

Na história da Igreja apareceram alguns que restringiram a vontade salvífica de Deus a algumas categorias de pessoas, como os fiéis, os justos e predestinados: no século V um sacerdote chamado Lúcido, no século XVI alguns protestantes e no século XVII Jansênio. Mas o Magistério da Igreja condenou a sua doutrina (cf. Denzinger-Schonmetzer – DS 330-342; 1522-1523; 1556; 2005; 2304)¹³.

¹³ Contra o presbítero Lúcido (Concílio de Arles, no ano de 473) a Igreja ensina: Cristo morreu por todos, também para os que se perdem; e os que se perdem, não se perdem por vontade de Deus (DS 330-342). Concílio de Orange (529): Deus não predestina ninguém ao mal, ao pecado (DS 397): da profissão de fé de São Cesário de Arles; (DS 623): do Concílio de Quiercy, maio de 853).

O Concílio de Trento diz claramente que Cristo expiou os pecados do mundo (DS 1522-1523) e acrescenta que não só os eleitos recebem a Graça (DS 1567).

O universalismo da Graça foi defendido de maneira explícita pelo Vaticano II, principalmente no decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio* e na Declaração *Nostra Aetate* (sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs). Eis um texto sugestivo: "De resto, a Igreja sempre teve e tem por bem ensinar que Cristo por causa dos pecados de todos os homens, sofreu voluntariamente e por imenso amor se sujeitou à morte, para que todos conseguissem a salvação. Cabe pois à Igreja pregadora, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e fonte de toda a Graça" (NA, n. 4, parte final). E de maneira ainda mais incisiva a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* declara: "Mas, (o cristão) associado ao mistério pascal, configurado à morte de Cristo e fortificado pela esperança chegará à ressurreição. Isto vale não somente

No Concílio Vaticano II (cf. *Lumen Gentium* - LG 16; *Gaudium et Spes* - GS 19 e 22), mais conforme a *Lumen Gentium* (n. 2) lê-se: “O Pai Eterno, por libérrimo e arcano desígnio de sua sabedoria e bondade, criou todo o universo. Decretou elevar os homens à participação da vida divina. E, caídos em Adão, não os abandonou, oferecendo-lhes sempre os auxílios par a salvação, em vista de Cristo, o Redentor, ‘que é a imagem de Deus, o primogênito de toda a criatura’ (Cl 1, 15)”¹⁴.

O texto clássico da Sagrada Escritura é 1 Tm 2, 4-6: “Ele quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e a humanidade: o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos”. Nesse texto se trata explicitamente da vontade salvífica de Deus em respeito a todos os homens; se trata de uma vontade ativa porque de fato Deus envia seu Filho para redimir os homens e de fato Cristo morreu por todos (cf. 1 Jo 2, 2; 4, 10; Jo 3, 16; 4, 42; Rm 5, 12-21).

CONCLUSÃO

No contexto da História da salvação, a Graça aparece antes de tudo como o desígnio salvífico de Deus que através de uma série de intervenções divinas, de instituições e de acontecimentos históricos, desejou elevar os homens a uma vida de comunhão com Ele, vivida na filiação divina. Os aspectos essenciais dessa economia de salvação são os seguintes:

- aspecto de comunhão e de aliança: enquanto significa a relação íntima e sobrenatural transformadora que Deus quer estabelecer com a humanidade;
- aspecto redentor: porque se apresenta como libertação do pecado e da morte;

para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a Graça opera de modo invisível. Com efeito, tendo Cristo morrido por todos e sendo uma só a vocação última do homem, isto é divina, devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal” (GS 23; cf. também *Lumen Gentium* 16).

¹⁴ Ver novamente as preces eucarísticas IV e I da Reconciliação, cf. *Missal Romano*.

- aspecto cristológico: pela sua relação com Jesus Cristo, prometido e esperado, feito homem e morto para a nossa justificação;
- aspecto pneumatológico: enquanto é o Espírito Santo que faz atuar o plano de salvação de Deus;
- aspecto eclesial: enquanto a Igreja, Corpo místico de Cristo, é a depositária da salvação;
- aspecto cósmico: enquanto a salvação atua na história do mundo.

Duas características devem ainda ser sublinhadas: a gratuidade e a universalidade. A salvação é um dom absolutamente gratuito e é oferecido invariavelmente a todos os homens. Por gratuidade da Graça entendemos que nada existe no homem (na natureza humana) que possa exigir o dom divino. A criatura humana não possui algum título que lhe dê o direito de exigir a Graça, a vida divina. Tudo na economia da salvação parte da iniciativa divina. É Deus quem prepara o homem, e não o homem por suas forças, para se converter. E esta gratuidade se estende desde o primeiro passo da conversão até a perseverança final. É verdade que o homem, como criatura de Deus, deseja o Absoluto, deseja o Criador, está aberto para Deus; mas o homem não consegue dar um passo sequer em ordem à sua salvação sem a Graça divina. Deus chama o homem e dele espera a resposta livre. Esta resposta ao chamado divino, para se efetuar, é movida por uma Graça interior, uma luz divina, uma moção do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUER, J.; RATZINGER, J. *Il vangelo della grazia*. Assisi: Cittadella Editrice, 1988.
- BAUMGARTNER, Ch. *La gracia de Cristo*. 2 ed, Barcelona: Herder, 1973.
- BENI, A; BIFFI, G. *La grazia del Cristo*. Torino: Marietti, 1977.
- BINGEMER, M.C.L.; FELLER, V.G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Siquem-Paulinas, 2003.
- COLZANI, G. *Antropologia teologica*. L'uomo: paradosso e mistero. Bologna: Ed. Dehoniane, 1989.
- CONCILIO VATICANO, 2, 1962-1965. In: _____. *Compendio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1982
- DENZINGER-SCHONMETZER, *Enchiridion Symbolorum*, Editio XXXV emendata, Roma: Editrice Vaticana, 1973.
- FEINER, J.; LOEHRER, M. (org.). *Mysterium Salutis*. A Igreja IV/7. A Graça. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FLICK, M.; ALSZEGHY, Z. *Fondamenti di una antropologia teologica*. Firenze: LEF, 1982.
- GANOCZY, A. *Dalla sua pienezza noi tutti abbiamo ricevuto*. Lineamenti fondamentali della dottrina della grazia. Brescia: Editrice Queriniana, 1991.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Dives in misericordia* (30.11.1980).
- K. RAHNER. Storia del mondo e storia della salvezza. In: *Saggi di antropologia soprannaturale*: Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1965.
- LADARIA, L. *Antropologia teologica*. Roma: Ed. Gregoriana e Pimme Casale Monferrato, 1986 (ed. espanhola, 1983).
- MIRANDA, Mário de França. *A salvação em Jesus Cristo. A doutrina da graça*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- RONDET, H. *La grazia del Cristo*. Roma: Città Nuova, 1966.
- SANCHEZ SORONDO, M. *La gracia como participación de la naturaleza divina*. Salamanca: Sígueme, 1980.